

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

# Em teu ventre



Copyright © 2015 by José Luís Peixoto

Publicado mediante acordo com Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e K.,  
Frankfurt am Main, Alemanha.

*A editora manteve a grafia vigente em Portugal, observando as regras  
do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.*

### Capa

Mariana Newlands

### Foto de capa

Lúcia Santos, Jacinta e Francisco Marto, as três crianças a quem a Virgem Maria revelou  
seus famosos “três segredos” em Fátima, Portugal, 1917. Atribuído a Joshua Benoliel.

### Foto de quarta capa

Rosa Pomar

### Revisão

Thaís Totino Richter

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Peixoto, José Luís

Em teu ventre / José Luís Peixoto. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2906-5

1. Romance 2. Romance português I. Título.

17-02741

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura portuguesa 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Claro que é uma mentalidade infantil, mas ela ensina-nos a levantar o nosso olhar para o Céu, onde sabemos que está Deus nosso pai, a Mãe bendita que Ele nos deu e vela por nós, os Anjos que Ele criou e destinou para guiar-nos e conduzir-nos nos caminhos da vida.*

Irmã Lúcia de Jesus, *Quinta memória*

*Nada pode atestar que o real é real, nada senão o sistema de ficção no qual ele desempenhará o papel de real.*

Alain Badiou, *O Século*

MAIO



<sup>1</sup> Tudo começa pela  
 esperança.  
<sup>2</sup> Antes dos objetos estão os  
 gestos que lhes dão forma,  
<sup>3</sup> antes dos gestos estão  
 as ideias,  
<sup>4</sup> antes das ideias estão  
 as emoções,  
<sup>5</sup> antes das emoções estão  
 os sentidos,  
<sup>6</sup> antes dos sentidos está  
 a existência nua,  
<sup>7</sup> contemplação cega,  
 memória cega,  
<sup>8</sup> antes da existência está  
 a esperança.  
<sup>9</sup> Sou eu quem o diz.  
<sup>10</sup> Se há proposta de vida, essa

certeza contém esperança.  
<sup>11</sup> Sem esperança, há apenas  
 morte: no presente e no  
 futuro.  
<sup>12</sup> Quando criei a natureza,  
 a primeira regra que determinei  
 foi: negar esperança é  
 uma ação contra a natureza.  
<sup>13</sup> Todos os seres, principalmente  
 os que possuem pele,  
 têm o direito inequívoco  
 a alguma esperança.  
<sup>14</sup> O uso que lhe dão é a sua  
 individualidade.  
<sup>15</sup> Falo de quando criei a natureza,  
 como se esse trabalho  
 estivesse acabado.  
<sup>16</sup> As palavras são imperfeitas

quando tentam dizer aquilo  
que é maior do que elas.

<sup>17</sup> São imperfeitas também  
quando tentam dizer aquilo  
que parece ínfimo, dependendo  
da proporção.

<sup>18</sup> Nesse caso, as palavras são  
dedos que tentam apanhar  
uma migalha, fazem  
a forma de beliscá-la,  
mas deixam-na lá, como  
se fossem inúteis.

Deus continua a falar, mas não faz questão de que o escutemos, prefere que reparemos numa casa de paredes mal pintadas. E, mesmo através da neblina, talvez a madrugada esteja a ponto de nascer, consegue distinguir-se a cal a escamar. São as noites, invernos e verões, que arrancam aquelas lascas de cal; é o pó da rua que se levanta com aragens, carroças, desinquietação de crianças, e se cola às paredes conforme se cola ao interior dos pulmões. Não se vê ninguém, as pessoas e os animais foram subtraídos a esta imagem. A fachada da casa tem uma barra pintada, nivela o chão, tem duas janelas bambas e, ao centro, uma porta de madeira velha, com um postigo à altura do rosto dos donos; é uma porta cansada, a desfazer-se por baixo. É preciso subir quatro degraus de pedra para chegar a essa porta que nunca está fechada ao trinco. A casa tem um telhado, sozinho contra o tempo, tem uma chaminé quase torta e mais nada. No entanto, é uma casa que os olhos podem ver de muitos modos. À frente, sem pertencer à casa, mas pertencendo, há uma eira, limpa e lisa, pronta a malhar, disposta a todos os usos. Por detrás, está um quintal extremado por um muro de pedras empilhadas, sebe que não passa a altura do joelho, linha que não exclui, tudo é terra que os vizinhos aproveitam com adequação. Lá ao fundo, depois de uma ribanceira que desce, está o poço, tapado por uma superfície de lajes, remendos sobre terra ferida. As oliveiras inclinam-se para o poço como corcundas, como a desgraça, os anos castigaram-nas e até os ramos novos, coitados, nasceram

com os nós torcidos por artroses, vítimas. Ainda assim, são árvores, pertencem à natureza, recebem notícias das outras oliveiras que se estendem na lonjura daqueles campos, onde também há muitas ervas secas, cardos e calhaus.

<sup>2</sup> <sup>1</sup> A criação da natureza é um trabalho de todos os instantes.

<sup>2</sup> Só a perfeição está concluída

<sup>3</sup> e, mesmo esta, tem de aceitar a imperfeição inacabada quando lida com aquilo que é incompleto, com palavras ou sombras, com natureza, instinto, gente,

<sup>4</sup> com a emanção invisível de um passado mais remoto do que o próprio começo de tudo:

<sup>5</sup> a esperança.

<sup>6</sup> Tudo começa pela esperança. Fui eu que escolhi esta palavra: *tudo*.

<sup>7</sup> Sou eu que estou a dizê-la.

<sup>8</sup> Tudo termina pela esperança.

Tão fresca é esta brisa depois de um dia inteiro, tão leve é o seu toque nas cores por fim brandas, desnecessária a urgência por fim. Esta brisa atravessa o ar limpo, faz tremer as folhas prateadas das oliveiras, acende pontos de brilho no granito e passa pelas faces suaves de Lúcia. Está agachada perante uma sombra de terra limpa, quase arrumada ao muro breve do quintal. Há galinhas que se habituaram à presença da menina, aos seus movimentos repetidos. Lúcia joga com pedras. Esses gestos súbitos não perturbam as galinhas, que debicam torrões de terra e se queixam umas às outras com vogais que arredondam na garganta.

(Eu também passava horas nesse jogo das pedrinhas. Procurava meia dúzia de pedras de bom tamanho, não muito grandes, mais ou menos polidas. Eu gostava de fazer esse jogo na rua, à porta da casa da minha mãe, da tua avó. Teria a mesma idade dessa menina, uns nove ou dez anos. Juntava as pedras na mão e lançava-as com a força certa para reboarem pouco; a seguir, escolhia uma, atirava-a ao ar e, nesse arco, olhando para dois

lados, apanhava uma das pedras espalhadas e ainda tinha tempo de receber a que caía. A tua tia era mestra, não faltavam vezes em que, com cinco pedras na mão, recolhia a última. Eu não tinha esse jeito, sempre fui de mãos pequenas. Mas deixa, sei que isso não te interessa, tens outras preferências. Se quisesses saber, há muito que podias ter reparado nas minhas mãos; afinal, foi com elas que te dei tudo desde que nasceste.)

Neste tempo, esta luz. Só falta uma pedrinha. Lúcia tem as sobrancelhas compenetradas, aperta os lábios, ajeita as pedras que tem na palma da mão, os dedos a rodearem-nas, enche o peito e atira uma a boa altura. Há o momento em que esgravata a terra com a ponta das unhas para recolher a última pedra. Mas a outra caiu demasiado depressa, tropeçou no caminho. Lúcia não conseguiu apanhá-la. Tem de começar de novo.

(Duvido que sejas capaz de me imaginar com dez anos. Já fui nova, sabias? Quando nasceste, em setembro, eu tinha trinta e dois anos feitos em junho. Talvez consigas suspeitar o que foi para mim ter-te com trinta e dois anos, até acredito nisso. Lembro-me de estares na minha barriga, nos últimos meses era um barrigão, mas tu não és capaz de me imaginar com dez anos, duvido. Não sou essa menina que imaginas quando tentas imaginar-me com dez anos. Fui uma menina que nunca conhecerás.)

É agora. Lúcia apanhou uma pedra, duas, três, quatro, cinco. Falta só a última. Atira-a ao ar. Onde está a pedrinha que falta? Por um instante, desaparece na terra. Volta a aparecer logo a seguir, mas é demasiado tarde, já a outra está muito perto, transportando as suas arestas, fechando a sua queda: um golpe seco na terra, e rebola para onde fica esquecida. Com paciência, gestos demorados, Lúcia poussa as pedras que tem na mão e, entre o in-

dicador e o polegar, segura na última, ergue-a da terra, levanta-a à altura dos olhos. O rosto da menina contempla um mistério.

*És muito malandra, pedra. Por que não deixas que ganhe?*

*Desculpa, foi sem querer.*

*Preferes que escolha outra pedra e te deixe descansada?*

*Não é isso.*

O que estás tu a fazer, rapariga?

Quando a mãe assoma assim à porta do quintal e larga esse grito, não é porque se interesse pela resposta. Lúcia põe-se de pé, dá um salto que assusta as galinhas e perturba a luz. As pedras ficam sozinhas na terra lisa. Lúcia tem a impressão de que atravessa o quintal durante as palavras da mãe, dentro delas. Ainda as escuta.

O que estás tu a fazer, rapariga?

E já está parada diante da mãe, o lenço desacertado pela corrida, três fiadas de cabelo coladas à testa com pó, o olhar baixo, as mãos juntas sobre a saia.

Pensas que a vida é só brincadeira? Tu pensas que a vida é só brincadeira?

Voz áspera, e apesar de se baixar para lhe procurar os olhos, apesar de repetir a pergunta, não quer saber da resposta. Desinteressa-se, vira-lhe as costas.

Vai lá ver se as galinhas puseram algum ovo.

Todos os momentos existem. Lúcia, dez anos, menina que caminha pelo quintal escuro. São os seus olhos que iluminam o presságio de cada passo. Lúcia sabe exatamente onde as galinhas se abaixam. Encontra-as recolhidas nos seus ninhos, enfiadas a mão delgada entre a palha e aquele morno onde as penas são mais maviosas. Encontra o único ovo na última galinha.

*Perdoa-me.*

Por que demoraste tanto tempo?

A mãe recebe o ovo para o escalfar na sopa e não quer mais conversa ou pensamentos. Mas Carolina já chegou. Lúcia aproxima-se da irmã e, em silêncio, assiste ao seu trabalho: depois de atear uma lasca de madeira no lume, carrega o fogo, protege-o com a palma da outra mão e pousa-o no pavio da candeia. Essa pequena chama alumia o rosto de Lúcia. O tempo detém-se, existe um instante. Nos cantos escuros da cozinha, sente-se ainda mais a ausência das irmãs casadas. Em algum lugar, andarão o irmão Manuel, talvez no curral, a desembaraçar um nó, grato pela bondade dos animais. E também Glória terá o seu pouso, talvez na casa do forno, dobrada a varrer, a riscar o chão com o som de varrer. Falta o pai, todos começam a sentir a sua falta a partir das primeiras sombras do serão.

Lúcia mantém o rosto apontado à candeia, mas vê a maneira como a mãe bate com a casca do ovo para abri-lo e, lá dentro, encontra outro ovo; bate com esse na mesma aresta da panela de barro e, lá dentro, encontra outro ovo; e outro ovo, e outro, sempre assim, ovos dentro uns dos outros, até estar rodeada de cascas e, diante de si, incrédula, segurar um ovo ainda intacto.

Com os olhos abertos, os braços sobre a roupa da cama, estendidos ao longo do corpo, Lúcia vê pensamentos nos barrotes do teto. A presença de Carolina sente-se na mossa que deforma o colchão de palha. Às vezes, picada por dentro, nos sonhos, dá estremeções. Regressa depois ao seu fôlego santo, justo. Lúcia tem pena que a irmã não chegue com mais ganas de brincar; mesmo assim, escolhem sempre algum jogo silencioso durante o serão, no canto do lume, ou já na cama, num silêncio ainda mais exigente, até a respiração de Carolina se alongar, como um elástico da costura, que se estica até lá longe e que regressa também devagar. Então, ficam dispostas ao lado uma da outra, respeitando a geometria da cama. Glória dorme no seu próprio colchão, encostada a outra parede, muito bem-comportada. Noutro quarto, Manuel ressona com delicadeza. A chuva nas telhas é uma sombra que assenta sobre outra sombra, pontos que pou-sam em toda a superfície do telhado. Há um mundo lá fora que se lança de encontro a este mundo, a esta casa. Como uma corrente, de aço ou de rio, a voz da mãe atravessa paredes. Não se

distinguem essas palavras encadeadas, mas Lúcia conhece-as pela música, habituou-se ao terço desde que nasceu, ainda antes de nascer. A mãe não costuma rezar as contas a esta hora, mas esses costumes andam alterados, há muita necessidade de oração. A mãe a fazer o sinal da cruz, ajoelhada a um canto do quarto, e o pai, acabado de chegar da rua, sentado na cama, a descalçar as botas, a descalçar as meias e a passar os dedos das mãos entre os dedos dos pés para caçar torcidas de surro. Lúcia nunca viu essa imagem, mas é capaz de lhe distinguir até os detalhes mínimos, a pequena volta que o pai faz com a ponta da sobancelha, as pálpebras da mãe convictas e opacas. E, por detrás de cada pensamento, a chuva não para, como o tempo não para. Lúcia sabe que o tempo não para. Cada gota de chuva é uma palavra de Deus, resposta às orações permanentes. Ou talvez as gotas sejam olhos de Deus, multidão atenta, empurrada pelo vento e pela noite. Ou então está um Deus dentro de cada gota de chuva, e todos são o mesmo, e todos juntos têm o tamanho de um só, pousam no telhado e acomodam-se, escorrem pelas paredes, cobrem a casa inteira ou afundam-se diretamente na terra porque têm pressa de voltar ao céu.

Nenhum estorvo tem condão de lhe fazer frente.

Atravessa o pátio enraivecida contra as poças de água, a lama, as galinhas e esta hora da manhã. Leva a pele da testa engelhada e os olhos apertados pelas maçãs do rosto. Noutros dias, fazia este mesmo caminho, esta mesma linha diagonal, e quando ainda estava a bater as solas dos sapatos, antes de entrar na cozinha, já ouvia a filha mais velha a dar safanões no tear. Aproveitando a claridade, Teresa costurava diante da porta aberta. As irmãs encaixavam galhofa no ritmo do tear e, havendo sussurros repentinos, a mãe já sabia que falavam dos namorados. Maria dá um passo na cozinha, mas nem a filha Teresa está à entrada, fletida sobre a fazenda traçada a giz que lhe cobria o colo, nem a filha Maria dos Anjos tem o corpo sujeito aos movimentos do tear, os braços e a curva dos cotovelos no seguimento das peças de madeira, corpo-mecanismo. Encostada à mesa da cozinha, assustada e silenciosa, está apenas a órfã que Maria se comprometeu a criar. Por costume, os olhos exagerados da rapariga irritam-na, mas, agora, neste instante, está transtornada com a falta que as filhas lhe

deixaram. Faz tenção de mandar a órfã limpar as coelheiras, mas as palavras não chegam a sair-lhe dos lábios.

(Pela maneira como escreves, dás a entender que o asseio é tarefa de pouco merecimento. Tu achas, por acaso, que os coelhos gostam de se espojar no esterco? Na minha vida, já tirei porcaria de coelheiras que chegava para levantar uma montanha. Garanto-te que não me fez mal nenhum, pelo contrário; e os bichos, se tivessem voz de gente, haviam de me agradecer. Mas esses teus modos pouco me surpreendem. Não esqueci o que custava levar-te para a banheira quando eras pequeno, só a toque de promessas ou de ameaças. Ainda hoje, passado este tempo, é um castigo convencer-te a arrumar o quarto.)

Bate a porta da despensa, precisa desse trovão no seu interior, e passa a palma da mão pelo rosto, como se o arrancasse, amarrotando o nariz, as faces, as sobrancelhas e os olhos. A filha mais velha, casada há menos de um ano, mora no outro lado da rua. Se Maria quisesse vê-la neste momento, de certeza que lá a encontra. Teresa está a maior lonjura, foi em companhia do marido para a terra dele, voltam aos domingos, depois da missa, dispostos ao almoço e ao torpor dessas tardes. É com estas ideias que se convence a não chorar. Por estes dias, a cada passo, deixa escapar lágrimas que a desgostam. Sente o cheiro verde dos figos a rebentarem nos ramos e chora, recebe uma aragem súbita na nuca e chora, varre a cinza do lume apagado e chora. Estas fraquezas, parece-lhe, vêm do mesmo lugar que os afrontamentos. Entre todos os problemas, mais este: o ventre onde deu berço a sete filhos está a encarquilhar-se dentro dela. É, aos poucos, uma mulher ressequida, como essas árvores que mantêm o seu posto na paisagem, mas que deixam de ser

atravessadas por seiva e que, no início do inverno, são desfeitas em lenha, despedindo-se humilhadas dos campos onde foram tudo. E da mesma maneira que qualquer pensamento enviesado lhe escalda as faces, como diante de um braseiro, também não consegue defender-se das comoções que a assaltam. Na boleia dessas tonturas, chegam lembranças terríveis, interditas. Contra esses pesadelos, encolhe-se, fecha os olhos com toda força e reza atos de contrição, pronunciando todas as consoantes, mas, por baixo dessas trevas e dessas palavras trituradas, está o rosto da menina que nasceu morta, a tirarem-na morta de dentro de si e a darem-lha, a segurá-la, as duas ainda unidas pelo cordão, ainda coberta de sangue, morta. E está o rosto dos outros filhos, a Maria dos Anjos, a Teresa, o Manuel, a Glória, a Carolina, tão pequena na época, quando souberam que a irmã que ia nascer, afinal ia morrer. Ainda a viram, deitada num caixão de pinho, o cheiro da resina misturado com o cheiro da morte, e rezaram juntos por ela, as vozes embaraçadas umas nas outras. Maria deslocou-se ao cemitério. Fez esse caminho sempre amparada pelo marido, não por quebranto, não por estes choros que agora a debilitam, mas por estar ainda bastante dorida, com uma toalha de pano turco entre as pernas. Sem afastar o olhar da menina, não admitiu uma lágrima, mordeu os lábios, mas quis que a menina morta fosse batizada com o seu nome, porque sabia que um pedaço de si morria e era enterrado com ela.

O problema do marido, não quer agora pensar no problema do marido. Fecha os olhos e, fixando-se em cada palavra, reza um pai-nosso. Mal consegue expulsar aquele pensamento, reza outro pai-nosso, este com muito vagar, só para retomar o fôlego.

Acreditou que não teria mais do que esses filhos: cinco vivos e uma morta. Dos vivos, quatro raparigas e o Manuel. Mas

passado esse inverno, o marido não a largou. A meio da noite, bastas vezes, acordava já com ele em plena função. Prenha e velha, entregou-se a ave-marias sem conto e a três terços diários: ao acordar, ramelosa, enquanto ainda estavam todos a dormir; depois de almoço, na despensa, onde ninguém tinha ordem para entrar àquela hora; e ao fim do serão, já deitada na cama, derreada com dores nos rins. Assim, nasceu Lúcia, graças a Deus bendito, piedoso Salvador, nasceu bonita e logo a reclamar e a guerrear com a parteira. Encostada à porta da despensa, com o olhar parado no ponto onde se ajoelhou em todos os dias da gravidez, Maria pensa na filha mais nova e sossega. A esta hora, anda ela de roda das ovelhas, trabalho de criança que, por enquanto, lhe poupa fadigas. Que aproveite bem essa regalia, as irmãs Glória e Carolina já precisam de amargar. Voltam debaixo de penumbra sem uma queixa, ai delas, trazem as meias saturadas de tojos e folhas de carqueja que se agarram à malha, trazem as caras precisadas de lavagem. Conforme mandado do pai, derretido com a pequena, Lúcia toca as ovelhas para casa mal abranda o calor. Nessa volta, deixa os primos e o rebanho dos primos e segue só com os seus bichos, encaminhando-os para o curral, onde o Manuel, em chegando do campo, lhes dará o tratamento devido para se fazerem à noite. Mas isso será depois, ainda com muita tarde pela frente, acabada de chegar, disposta a continuar a brincadeira com os companheiros de toda a jornada, Lúcia espera pelos primos; pouco falta para que se apresentem, a mais influída é a Jacinta, e se lancem em tropelias de bom e mau jeito. Recomposta, conformada, um longo suspiro, Maria escolhe um naco de carne da salgadeira, vira-o e revira-o, sacode-lhe o sal e corta-o com uma faca de lâmina gasta, bem amolada. Então, tocada por um ímpeto, corta uma tira de toucinho, irá ofertá-la ao primeiro pobre que lhe apareça a estender a mão. Quando regressa à cozinha, como se apenas existisse aquele momento

natural, a órfã ainda está encostada à mesa, no mesmo temor suplicante, como se não tivesse bulido um sopro, paralisada. Maria contém-se. Escolhe uma folha de couve, corta-a pelo talo e embrulha o toucinho. Abre a gaveta da mesa e acomoda-o, aí vai esperar pelo pobre que o trincarà. A órfã tremelica os olhos, prepara-se para uma pedrada que não sabe de onde virà. Há um compasso de silêncio.

Estás a olhar para quê? Nunca viste? Há quanto tempo não limpas as coelheiras? Vá, vai buscar o sacho, o balde e ala, vai. E nem penses em voltar enquanto não deixares as coelheiras como é devido. Ou estás convencida de que é só manducar e boa vida? Aqui, só come quem trabalha, minha menina.